ERABED SUDESTE

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA

RESUMO

Com a Paz de Westfália em 1648, conceitos como "Estado-nação" e "Soberania Nacional" inauguraram o Moderno Sistema Internacional onde os combates se deram sob a forma regular de exércitos, bandeiras e uniformes caracterizando os conflitos até o início do século XX. Contudo, com a Guerra Fria, pudemos notar o início de uma alteração neste modelo, uma vez que armas de destruição mútua assegurada configuraram a principal ameaça no conflito mesmo que seu uso fosse improvável, servindo como principal capacidade de poder de dissuasão no momento. Assim, na Guerra Fria houve um retorno da Guerra Irregular, tal como o emblemático exemplo da Guerra do Vietnã. Após 1990, o número de conflitos aumentou demasiadamente mesmo sem qualquer declaração oficial de guerra por parte do hegemon (EUA). Sob a justificativa de manutenção da paz e defesa da democracia, a nova política externa norte-americana se dava em defesa do seu Estado, com direito a ataques diante de qualquer ameaça, política intensificada após o 11 de setembro, levando a diversos conflitos cada vez mais justificados sob o "combate ao terror". Este trabalho pretende analisar as principais alterações no modelo de guerra desde então, passando por conceitos como "Guerra Irregular", "Guerra Híbrida", "Revoluções Coloridas" e "Guerra de 4a geração", buscando entender novos desafios para o sistema internacional. Esta pesquisa será de caráter exploratório, partindo de uma reconstrução histórica de longa duração, de caráter qualitativo, utilizando-se de dados quantitativos, quando necessário. Consideramos, portanto, que as antigas táticas de combate já não se apresentam eficazes aos novos desafios.

Guerras Futuras e a Guerra de 4a geração

INTRODUÇÃO

A geopolítica, em muito marginalizada por relembrar os objetivos chauvinistas e imperialistas da Alemanha nazista, em busca do seu *Lebensraum*[1], seu espaço vital, voltou ao vocabulário acadêmico com muita evidência nos últimos anos, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001. Contudo, o exercício da geopolítica nunca

[1] Ideia inicial de Friedrich Ratzel em "Geografia Política" de 1897 embora o termo tenha sido cunhado pelo sueco Rudolf Kjellen (COSTA, 1991, p. 18).

deixou de ser aplicado, com ápice na Guerra Fria, disputa geopolítica e ideológica entre EUA e URSS.

Durante a Guerra Fria, o mundo viveu sob pressão constante de um conflito improvável, porém altamente ameaçador à humanidade. Um dos aspectos interessantes da guerra nuclear é não representar algo intrinsicamente territorial, com a iminência de ataques em qualquer lugar do mundo, sem necessidade de participação direta estatal dentro da guerra, no qual os atores estão vulneráveis a ameaças potencialmente destrutivas sem a real necessidade da presença de um exército armado tradicionalmente programado para os ataques. Ainda assim, devemos considerar a existência de conflitos dentro deste contexto com a real presença de exércitos, tal como a polêmica Guerra do Vietnã, cuja atuação da população nativa com táticas de Guerra Irregular[2] foi marcante.

Da mesma forma que a guerra nuclear, as guerras híbridas e ataques cibernéticos também não estão diretamente ligados à necessidade de exércitos ou territórios para que ocorram, podendo acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento, podendo ser fruto de apenas uma única pessoa.

Anteriormente os conflitos eram mais comumente declarados e sabia-se quando e onde uma guerra ocorreria. Hoje, já não há mais declarações diretas e os atores não são somente os estatais, tal como nas Guerras Regulares. Após o 11 de setembro, o discurso do combate ao terrorismo[3] promovido pelos EUA outorgou direito de definir, ao seu

---

[2] "A guerra irregular é a forma mais antiga de se combater e, desde meados do século passado, também, a mais usual. [...] Terrorismo, guerrilha, insurreição, movimento de resistência, combate não convencional e conflito assimétrico, por exemplo, são alguns dos conceitos ou práticas abarcados pelo conjunto de ideias, mais amplo e muito pouco compreendido, denominado guerra irregular" (VISACRO, 2009, p. 7).

[3]A própria forma como se dá a definição de terrorismo pelas Nações Unidas abre margem para que qualquer ameaça a um Estado soberano possa ser considerado terrorismo e, portanto, alvo de retaliação ou intervenção armada: "O Art. 2º do projeto da referida Convenção prescreve a seguinte definição universal de terrorismo: *quando o propósito da conduta, por sua natureza ou contexto, é intimidar uma população, ou obrigar um governo ou uma organização internacional a que faça ou se abstenha de fazer qualquer ato. Toda pessoa nessas circunstâncias comete um delito sob o alcance da referida Convenção, se essa pessoa, por qualquer meio, ilícita e intencionalmente, produz: (a) a morte ou lesões corporais graves a uma pessoa ou; (b) danos graves à propriedade pública ou privada, incluindo um lugar de uso público, uma instalação pública ou de governo, uma rede de transporte público, uma instalação de infra-estrutura, ou ao meio ambiente ou; (c) danos aos bens, aos locais, às instalações ou às redes mencionadas no parágrafo 1 (b) desse artigo, quando resultarem ou possam resultar em perdas econômicas relevantes."*(PANIAGO, 2007, p. 13-14)

próprio interesse, *terrorismo*, incumbindo-se, portanto, do pleno direito de intervenção armada em caso de sentimento de ameaça proporcionado por qualquer país ou grupo armado.

> *Na última década do século, depois do fim da Guerra Fria, as guerras prosseguiram sob a forma predominante das "intervenções humanitárias", como no caso pioneiro da Guerra da Bósnia, entre 1992-1995, e logo depois, da Guerra do Kosovo, em 1999. E depois dos atentados do 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, a chamada "guerra ao terrorismo" generalizou-se e assumiu várias formas que se prolongam até os dias de hoje, na segunda década do século XXI* (FIORI, 2018, p. 77).

Contudo, devemos mencionar que estes "novos modelos" de guerra, tal como as técnicas de terrorismo e seu combate irregular e até a Guerra Híbrida, talvez não sejam tão inovadores quanto parecem, uma vez que podemos correlacionar as atuais táticas com antigas utilizadas em guerrilhas, por exemplo, apenas somando a estas, novas tecnologias que claramente proporcionam um grande impulso e dinâmica aos clássicos modelos de guerra, transfigurando-os em "novos" e, portanto, instigando governos a repensarem a forma como devem se preparar e se proteger dos conflitos iminentes, alterando assim a forma como entendemos a guerra.

Desta forma, este artigo pretenderá correlacionar aquilo que se chama de Guerra Irregular, Guerra Assimétrica e Guerra Híbrida (conhecidas como os novos desafios da atualidade) com os já conhecidos modelos, os quais chamamos de Guerra Regular, buscando compreender se há, de fato, grandes alterações na forma como se dão os conflitos, se as ameaças são realmente muito diferentes das usuais ou se a questão é apenas, mais uma vez, uma corrida pela tecnologia a qual obriga aos Estados a repensarem suas políticas geoestratégicas tal como sempre foi ao longo da história. Para tal nos utilizaremos de alguns exemplos de conflitos mais recentes na história em comparação com os clássicos modelos da Grande Guerra Mundial.

Este artigo não propõe atingir uma resposta absoluta, mas sim, levantar uma reflexão acerca das novas ameaças às quais a sociedade contemporânea está exposta. É ainda uma pesquisa exploratória de caráter inicial dada a atualidade do tema.

I – A GUERRA FRIA COMO PRECURSORA DO NOVO MODELO DE GUERRA

Durante a Guerra Fria o mundo vivenciou a disputa entre duas grandes potências que detinham o poder sobre armas de destruição em massa as quais, paradoxalmente, não poderiam ser utilizadas, uma vez que sua aplicabilidade implicaria na destruição mútua assegurada. Assim, pela primeira vez o mundo vivia a possibilidade de aniquilação total. Significava, portanto, uma corrida contra o tempo pela tecnologia para a sobrevivência. Também vimos durante este período, a capacidade das guerras irregulares, tais como as guerrilhas em Cuba, Vietnã e América Latina.

Assim, diante das possíveis catástrofes que poderiam ocorrer durante a Guerra Fria, o conflito direto passou a ser cada vez mais evitado ou declarado, dando lugar a modelos indiretos, uma vez que um ataque direto implicaria na destruição total de Estados, comprometendo até a humanidade de forma geral. Temos, portanto, que a Guerra Fria tenha servido como uma precursora da situação que o mundo vive atualmente, de propagação de um suposto "novo modelo de combate", a tática de Guerra Híbrida.

Tal como Sun Tzu destaca, a melhor forma de se combater um inimigo é evitar o conflito direto, desgastando-o, poupando forças e tomando cidades sem destruí-las[4]. Assim, o que parece então ser então uma inovação nas táticas de batalha, já é uma tática antiga de guerra.

I.I – GUERRA CONVENCIONAL, GUERRA IRREGULAR E A GUERRA HÍBRIDA

A Guerra Híbrida mistura técnicas de guerra regular ou convencional com técnicas de guerra irregular dando origem, portanto, a este nome "híbrida".[5]

---

[4]Ver mais em Sun Tzu em "A arte da Guerra", Capítulo 3: Disponível em: http://suntzusaid.com/book/3. Acesso em: 12/09/2019.

[5] "*A Guerra Não Convencional é definida neste livro como qualquer tipo de força não convencional (isto é, grupos armados não oficiais) envolvida em um combate largamente assimétrico contra um adversário tradicional. Se consideradas em conjunto em uma dupla abordagem, as Revoluções Coloridas e a Guerra Não Convencional representam os dois componentes que darão origem à teoria da Guerra Híbrida, um novo método de guerra indireta sendo perpetrado pelos EUA*." (KORYBKO, 2015, p. 6).

Primeiramente, há de se definir o que seria uma guerra regular ou convencional. Guerra Regular corresponde ao modelo clássico tal como o conhecemos, com o uso de exércitos, representando um combate entre dois ou mais grupos que se utilizam de armas para atingir seus objetivos. Visacro (2009) destaca as mudanças pelas quais a *guerra* vem passando ao longo da história até retornar ao modelo que, segundo o autor, é o mais tradicional e mais comum presente no decorrer da trajetória da humanidade, a guerra irregular. Assim, o autor ressalta que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, dos mais de 80 conflitos de natureza assimétrica, 96% ocorreram durante a década de 1990. Somente entre 1999 e 2000, cerca de 50 incidentes poderiam facilmente ser classificados como “ações de guerra não convencional” (VISACRO, 2009, p. 7).

> *A onipresença da mídia, o assédio de organizações humanitárias e a influência da opinião pública sobre a tomada de decisões políticas e militares têm caracterizado um cenário onde exércitos nacionais permanentes, com orçamentos dispendiosos e moderna tecnologia, parecem ineficazes e antiquados* (VISACRO, 2009, p. 8). COLOCAR PARA FRENTE

Assim, temos que a Guerra Fria e suas imensas inovações tecnológicas tenham levado o mundo a um novo perfil de disputa de poder que não a guerra convencional devido às suas características intrínsecas. Não à toa, como observado por Alessandro Visacro (2009), a maioria dos conflitos irregulares iniciaram-se durante a década de 1990, após o fim desta guerra, que trazia em si a realidade de um conflito improvável dentro de um contexto de paz impossível.

Diante da evolução dos rumos tomados após 1990, Fukuyama (1989) escreveu *O fim da história*, ideias que foram levantadas inicialmente por Hegel no século XIX e retomadas posteriormente. Assim, a teoria defende que a vitória do capitalismo sobre o socialismo ao fim da Guerra Fria simbolizaria que a humanidade tivesse finalmente atingido um suposto equilíbrio que traria a paz e prosperidade.

No entanto, Fiori (2008), observou que nunca houve tantos conflitos em sequência tal como quando os EUA se tornaram o poder hegemônico mundial. Após o fim da Guerra Fria, o presidente George H. W. Bush declarou o que seria a nova doutrina estabelecida pelos EUA: o direito de intervenção em caso de qualquer situação considerada ameaça à soberania norte-americana que estaria, portanto, "a serviço da paz mundial, atuando como defensores da democracia" (FIORI, 2008, p. 38).

Em sua obra, *Guerra Híbridas,* Korybko (2015) interpretou a tentativa americana de buscar a manutenção de um mundo unipolar - sem a possibilidade de questionamento desta ordem por outras potências à médio e longo prazo - como uma lógica de destruição prévia dos países que pudessem ameaçar seu *Status Quo.*

Assim, Korybko (2015) observou que os conflitos que ocorriam na Geórgia, Ucrânia e na Síria correspondiam à uma tentativa norte-americana de derrubar governos de forma indireta buscando a sua substituição por governos que seriam seus aliados. Esta seria uma forma indireta de se atingir objetivos sem a declaração direta de conflito. O objetivo é causar o caos dentro de países através de golpes indiretos, levando a conflitos sistêmicos, na forma de *Proxi* War. Há, ainda, as *Revoluções Coloridas* e as guerras não convencionais como os pilares das Guerras Híbridas. As *Revoluções Coloridas* consistiriam nos grandes protestos de massa, em geral, pacíficos e contrários a governos ditatoriais ou corruptos, tal como ocorreu nos países em que houve a *Primavera Árabe*, ou até no Brasil, com as revoltas em 2013 conhecidas como "As jornadas de junho".

Assim, o autor destaca a forte influência norte-americana nestes acontecimentos.[6] Já as guerras não convencionais são guerras travadas por agentes não estatais, tal como grupos armados, organizações terroristas, guerrilhas, assim como vimos nas definições

[6] Cabe ressaltar que os EUA acusam os russos de fazer o mesmo, através de espionagem ou interferência no resultado das eleições presidenciais de 2016 através de roubo de dados por meio de *cyber* ataques. Tudo isto configura um modelo de guerra futura que está se moldando exatamente neste momento particular. Como destaca Fiori (2007), a preparação para a guerra deve ser permanente e constante para aqueles que tiverem o interesse em manter-se em busca do "Poder Global".

de guerra irregular anteriormente. E quaisquer conflitos entre Estados e estes grupos chamamos de Guerra Assimétrica.

II – GUERRAS FUTURAS E GUERRAS DE QUARTA GERAÇÃO

Gray (2012) tenta descrever o novo modelo de guerra: "This book conveys an unpopular and unglamorous message. I argue that the future of warfare will be very much like its past. Future warfare will be strategic history much as usual." Gray (2012) ressalta, portanto, que os novos modelos de Guerra serão muito semelhantes ao passado. Seus argumentos demonstram que não há muito o que evoluir no sentido de *segurança* e que muito sangue será ainda derramado, não havendo mudanças significativas neste sentido da guerra, destacando:

> *History shows that although weapons must have a major influence on tactics, they do not mechanistically drive operations, strategy or policy. The course and outcome of war is shaped by many factors, not least the human, the cultural, and the political, in addition to the possibilities opened by machines. Indeed, recent scholarship has shown how, historically, common technology is apt to promote uncommon tactics, for reasons of differences of culture* (GRAY, 2012, p. 248, *Kindle Edition*).

Os "novos" modelos de guerra baseiam-se no uso de tecnologias e somente aqueles que tiverem o domínio sobre esta rápida evolução tecnológica, cada vez mais relacionada a formas de disputas de poder indiretas, poderão obter sucesso, ou seja, a tecnologia não está apenas nas armas mas também nos dispositivos e ferramentas das quais possuem acesso direto os indivíduos, direcionados a moldar o poder de forma jamais experimentada antes.

Lind (2015) destaca que está ocorrendo uma mudança tão grande nas formas como entendemos a guerra que não somente as técnicas de defesa e política externa estão obsoletas como também a estrutura total dos pensamentos acerca destes temas. A esta mudança, o autor intitula como *Guerra de 4ª Geração* o modelo de guerra implementado a partir da Paz de *Westfalia*, em 1648. Este modelo de guerra, portanto, representava o monopólio da força dominado pelo Estado. Lind critica que nós ainda vemos a guerra

dentro desta estrutura estatal, de Estados contra Estados, imaginando uniformes, tanques, bandeiras, aeronaves ou submarinos.

O que o autor chama de forças de 4ª geração são os grupos que não são Estados e que estão lutando por muitos motivos diferentes, empenhando-se em lutas locais, representando famílias, negócios, clãs ou tribos, grupos étnicos ou religiosos. Segundo o autor, a ordem pré-*westfaliana* de se fazer a guerra está voltando onde a ordem *westfaliana* mostra sinais de falência. Lind destaca que Estados grandiosamente armados perdem para forças "ridiculamente" inferiores e constata que as populações estão tirando suas formas de identificação nos governos de seus Estados e estão transferindo esta identidade a outros fatores, já que os governos estão focados apenas em manter o *establishment*, não apresentando mudanças quando se alternam os partidos, - àqueles que adentram à política estão muito mais envaidecidos por fazer parte do *establishment* do que interessados em fazer alguma mudança de bem para suas sociedades. E o que se precisaria fazer, portanto, seria criar formas de esta população se sentir representada, podendo eleger de fato quem acreditam ser seus verdadeiros representantes, a medida que estas já estão realizando este movimento em direção a grupos menores e que estão lutando contra este poder central Estatal (LIND, 2015).

CONCLUSÃO

"Não sei como será a Terceira Guerra Mundial, mas poderei vos dizer como será a Quarta: com paus e pedras", disse Albert Einstein após a Segunda Guerra Mundial.[7]

Tal como observado por Lind (2015), as guerras estão mudando de padrão. Estão retomando, assim como *Einstein* previu no século passado, aos seus modelos mais primitivos, diferentemente das guerras do início do século XX, caracterizadas por *Westfalia*, onde o monopólio do uso da força era do Estado. Hoje não se pode mais pensar a guerra desta forma.

Gray (2012) também concorda que não haverá novidade nos modelos futuros de guerra, frisando que não são as artilharias que trarão inovação da guerra, mas governos,

---

[7] Ver mais em: *The Yale book of quotations*, p. 229. Disponível em: https://archive.org/details/isbn_9780300107982. Acesso em: 12/09/2019.

pessoas, culturas, políticas e cada vez mais armas comuns que geraram respostas incomuns de táticas. Assim, o que temos que lidar neste momento é como interpretamos a guerra. Estamos evoluindo para um modelo superior de qualidade tecnológica de aparatos militares onde, ao mesmo tempo, dependemos cada vez menos destas habilidades.

A internet possibilitou a compra banal de artefatos que, juntos, podem compor uma bomba caseira. Igualmente pode-se fabricar um drone dadas as qualidades duais dessas ferramentas. Assim, indivíduos tornam-se capazes de combater grandes exércitos tradicionais. Portanto, como bem observa Gray (2012), não devemos nos preocupar muito com a capacidade das novas armas, mas sim com as formas como a população reagirá a estas mudanças.

As comunicações mais seguras voltaram a ser realizadas por meios não eletrônicos, onde até o papel físico torna-se parte do jogo, ganhando força diante de todas as inovações tecnológicas.

Considerando, tal como Visacro (2009), que o modelo irregular de conflito é o mais antigo de todos os modelos de combate, podemos inferir que temos uma continuidade e não uma ruptura de imediato. Talvez, apenas por algum breve período, os maiores conflitos de ordem vigente tenham sido o modelo de conflito regular, assim como observou Lind (2015) quando tratou do modelo estabelecido com *Westfalia*. Contudo, o que se vê hoje é um retorno aos padrões mais básicos de conflito.

Podemos concluir, então, que mesmo com todos os modelos de guerra apresentados neste artigo, a geopolítica não perde sua importância tal como foi pensado há alguns anos. Os Estados continuam preocupando-se com questões vitais como acesso a fontes energéticas e matérias-primas, acesso ao mar, passagens marítimas, *chokepoints* e quaisquer outras formas de ampliarem seus poderes. O que muda são as estratégias adotadas, tal como sempre foi na história da guerra.

Como vimos, o conflito direto tornou-se muito custoso e ameaçador à própria humanidade. Considerando que são somente os EUA que desfrutam da inteligência e tecnologia acerca das armas de destruição em massa, qualquer conflito neste sentido

direto poderia gerar uma catástrofe global. Assim, a melhor forma de combate tornou a ser, novamente, um combate indireto, a guerra irregular.

Assim, como Korybko (2015) observou, a "nova" tática consiste em *Guerra Híbrida*, ou seja, em desestabilizar um Estado, abalar suas estruturas internas e, assim, impedir seu fortalecimento, onde torna-se difícil encontrar um verdadeiro culpado, uma vez que tudo faz-se por contatos indiretos e muito bem protegidos para que o movimento pareça algo espontâneo e genuíno das estruturas internas do "Estado vítima".

Assim, cremos que há de se proteger demasiadamente os sistemas de informação, uma vez que tudo está conectado em rede e governos ser desestabilizados ou economias colapsarem sem uma única gota de sangue derramada.

Os "novos modelos de guerra" consistem, portanto, em uma tática antiga somada a novas tecnologias. O país que desejar sobreviver ao novo sistema deverá preocupar-se mais em controlar o fluxo de informações a criar novas armas, efetivamente, apesar de estas não perderem sua relevância, no entanto. Afinal, grupos subversivos que almejam retirar governos do poder sob a tática de *Guerra Híbrida,* tal como abordada neste artigo, são abastecidos com estas mesmas armas, financiados por Estados que desejam enfraquecer estes e, assim, dando vida ao sistema de combate indireto que levará ao objetivo final do Estado financiador.

Contudo, estes mesmos grupos, que uma vez favoreceram a tais Estados "manipuladores", podem se voltar contra estes mesmos e se tornar uma ameaça direta posteriormente. Qualquer semelhança com a relação entre EUA e *Al Qaeda* não é mera coincidência.

REFERÊNCIAS:

COSTA, W. M. **Geografia Política e Geopolítica:** Discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Edusp, 2010.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. p. 876.

FIORI, J. L. (org.). **Sobre a Guerra**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FIORI, J. L. **O poder global e a nova geopolítica das nações.** Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2007.

FIORI, J. L. **História, Estratégia e Desenvolvimento:** para uma geopolítica do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.

FIORI, J. L. (org.) **O mito do colapso do poder americano.** Rio de Janeiro: Record, 2008.

GRAY, C. S. **Another Bloody Century:** Future Warfare. Kindle Edition: Phoenix, 2012.

KORYBKO, Andrew. **GUERRAS HÍBRIDAS: A ABORDAGEM ADAPTATIVA INDIRETA COM VISTAS À TROCA DE REGIME.** Moscou: Institute For Strategic Studies And Predictions Pfur, 2015. Disponível em: <https://guerrashibridas.files.wordpress.com/2018/03/guerras-hc3adbridas-a-abordagem-adaptativa-indireta-com-vistas-c3a0-troca-de-regime-2.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

LIND, W. S.; THIELE, G. A. **4th generation warfare handbook.** Finlândia: Vox Day, 2015.

MELLO, L. I. A. **Quem tem medo de Geopolítica?** São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

PANIAGO, Paulo de Tarso Resende. **UMA CARTILHA PARA MELHOR ENTENDER O TERRORISMO INTERNACIONAL:** Conceitos e Definições. Disponível em: <http://www.abin.gov.br/conteudo/uploads/2018/05/RBI4-Artigo1-UMA-CARTILHA-PARA-MELHOR-ENTENDER-O-TERRORISMO-INTERNACIONAL-Conceitos-e-Defini%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

Shapiro, F.; Epstein, J. ***The Yale book of quotations***, Yale University Press, 2006, p. 229. Disponível em: https://archive.org/details/isbn_9780300107982. Acesso em: 12/09/2019.

STAFF, Ncc. **When Congress last used its powers to declare war.** 2018. Disponível em: <https://constitutioncenter.org/blog/when-congress-once-used-its-powers-to-declare-war/>. Acesso em: 12 set. 2019.

TZU, S. **The Art of War.** Disponível em: <https://suntzusaid.com/book/3>. Acesso em: 12 set. 2019.

VISACRO, A. **Guerra Irregular**. São Paulo: Contexto, 2009.